

# PROJETO DE PESQUISA E UMA INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA

## RESEARCH PROJECT AND A GEOGRAPHICAL INTERPRETATION

Antonio Cardoso Façanha

### Minicurrículo

Graduado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestrado e Doutorado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor do Curso de Geografia da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atua nas áreas de geografia urbana, geografia regional e com temas relacionados ao desenvolvimento territorial. Docente-Permanente do Mestrado em Geografia (UFPI) e Docente-Colaborador do PRODEMA (UFPI).  
E-mail: facanha@ufpi.edu.br

### RESUMO

O presente texto trata de um relato de experiência a partir da realização de cinco (5) oficinas para discutir sobre a elaboração de projetos de pesquisa. A estrutura das oficinas baseava-se em três momentos: a) uma discussão sobre as bases conceituais da geografia; b) uma discussão sobre os contextos formadores da realidade da graduação e da pós-graduação; c) uma reflexão sobre as etapas de elaboração de projeto de pesquisa. Dessa forma, a experiência dessas atividades resultou na compreensão de que é preciso discutir os projetos de pesquisa de forma integrada, bem como entender que existe uma diversidade de estruturas de projeto que precisa ser discutido e avaliado.

**Palavras-chave:** Geografia. Projeto de Pesquisa. Estratégia Integradora.

### ABSTRACT

This text is an experience report about five workshops to discuss the development of research projects. The structure of the workshops was based on three moments: 1) a discussion about the conceptual bases of geography; 2) a discussion about the training contexts of the undergraduate and graduate programs; 3) a reflection upon the stages of development of the research project. Thus, the experience of these activities resulted in the understanding that to discuss the research projects in an integrated form and understand that there is a diversity of project structures that need to be discussed and evaluated is of paramount importance.

**Keywords:** Geography. Research project. Integrating strategy.

## 1 INTRODUÇÃO

O relato de experiência baseia-se nas discussões de cinco oficinas intituladas “Projetos de pesquisa e uma interpretação geográfica”, realizadas nas cidades de Teresina (PI), Pedro II (PI) e Caxias (MA). Ao todo, participaram quase 250 educandos. A intenção do referido trabalho justifica-se pelas dificuldades

*Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.*  
Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p. 133-141, jul. / dez. 2015.

encontradas pelos pesquisadores em formação em encontrarem uma produção que possa reunir as preocupações do ato de se fazer pesquisa. Visa, ainda, a contribuir no ato de desmistificar o sentido da pesquisa, entendido quase sempre como algo difícil e complexo.

O objetivo geral deste relato de experiência será o de analisar as questões-chaves relacionadas à metodologia da pesquisa, relacionando-a com a produção do conhecimento geográfico, estimulando, assim, a inserção de profissionais da geografia no campo da pesquisa, refletindo as estratégias de elaboração de projetos de pesquisa à luz de uma visão integradora. Os objetivos específicos deste relato baseiam-se em três situações que contribuíram para estruturar o curso, tais como: a) discutir as bases conceituais da Geografia; b) debater os diversos cenários da graduação e da pós-graduação; e c) discutir as etapas de estrutura de projeto de pesquisa. A metodologia foi dividida em duas preocupações: uma primeira preocupação foi sustentada na intenção de discutir conceitos-chave da geografia, bem como palavras-chave ligadas à pesquisa, tais como: conceito, interdisciplinar, epistemologia, entre outras, que estão contidas na referência deste texto; uma segunda preocupação foi sobre as técnicas necessárias à elaboração de um projeto de pesquisa. Dessa forma, inicia-se, a partir desse momento, a descrição da primeira etapa da oficina.

## **2 PRIMEIRA ETAPA DA OFICINA: “AS BASES CONCEITUAIS DA GEOGRAFIA”**

A oficina iniciava a partir da construção de um painel-síntese em que se montava uma linha do tempo para refletir sobre a história do pensamento geográfico, evidenciando as principais correntes do pensamento, como o determinismo ambiental, o possibilismo, o método regional, a geografia teórica, a crítica e a cultural. Dessa forma, estimulava o grupo de participantes a elencar os conceitos-chave presentes em cada corrente, resgatando parte dos conteúdos discutidos nas disciplinas de organização do espaço ou disciplinas similares.

Após a discussão do painel, discutia-se o estímulo à preocupação com o uso preciso dos conceitos. Uma primeira indagação era sobre qual o sentido de um conceito. Assim, o conceito é uma noção abstrata que se remete a um fato da

realidade em um determinado recorte espacial e que expressa uma materialidade da sociedade em movimento. Deve-se atentar para o fato de que os conceitos “ganham vida” e foram construídos em diversos caminhos e em diversas escalas. Logo, os conceitos são portadores de uma espacialidade e de uma temporalidade, sendo um instrumento teórico que possibilita entender a realidade. Assim, media-se a relação entre realidade e representação.

Após a discussão sobre o sentido do conceito, adentrou-se a construção de um painel dos conceitos-chave da Geografia: paisagem, região, lugar, território e espaço. A intenção era de situar os conceitos, destacando quais eram as correntes em que eles foram majoritários, frisando a dimensão do espaço geográfico privilegiado e das escalas de abordagem. Era dizer que só é possível construir um projeto de pesquisa sustentável do ponto de vista epistemológico se for feita uma imersão nos conceitos dentro da Geografia.

### **3 SEGUNDA ETAPA DA OFICINA: “CENÁRIOS DA GRADUAÇÃO E DA PÓS-GRADUAÇÃO”**

Nessa etapa, a intenção era de construir uma discussão aberta sobre a situação vivida na graduação e na pós-graduação, ilustrando um conjunto de fatos que interfere direta ou indiretamente no ato de fazer pesquisa, bem como nas dificuldades de construção de projetos de pesquisa. A abordagem da discussão era construída com uma analogia entre as realidades passadas e as mudanças recentes que acontecem no âmbito das Instituições.

Na “graduação de ontem”, as questões relacionadas à metodologia científica e à elaboração de projetos de pesquisa tinham um espaço muito reduzido na vida acadêmica, havendo um pequeno incentivo à pesquisa no ambiente da graduação. Havia uma desarticulação entre a produção discente, a exemplo dos trabalhos de finais de disciplina, bem como das monografias de conclusão de curso. A inexistência de pesquisas de iniciação científica e de estímulos, como as monitorias, contribuíram para a falta de estímulo à pesquisa pelos graduandos. Ou seja, nesse contexto, o projeto de pesquisa era um “fim”, a geografia era “fragmentada”,

prevalencia o individualismo acadêmico, predominava um autoritarismo no processo de ensino-aprendizagem e uma realidade “sem muito futuro”.

Na “pós-graduação de ontem”, as dificuldades ampliavam-se, pois pouco se caminhava na direção do aperfeiçoamento, bem como no desejo de se tornarem futuros docentes-pesquisadores das Instituições de Ensino Superior. Havia um “funil” restrito para a realização da pós-graduação *lato sensu* (especializações), geralmente em áreas distantes da formação inicial da graduação. As primeiras especializações eram financiadas pela CAPES, com o fornecimento de bolsas; mas as últimas já começaram a cobrar taxas de mensalidades, dificultando o acesso de parte dos recém-graduados. Um fato que dificultava o acesso à ampliação do conhecimento e o desejo de avançar no campo das pesquisas ocorria em razão de que a pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) estava concentrada, espacialmente, nas regiões mais dinâmicas da economia brasileira, como a região Sudeste. Assim, as distâncias regionais assimétricas dificultavam o aprofundamento e a continuidade da pós-graduação. Hoje, temos, sim, de enfrentar o processo de ensino-aprendizagem a partir do projeto de pesquisa como “meio”, articulando o conhecimento acumulado na educação básica com a educação superior, abrindo diálogo com outras ciências de forma coletiva.

A “graduação de hoje” está mais preocupada com a formação de profissionais que tenham, também, um maior engajamento no campo da pesquisa. A elaboração de artigos científicos nas disciplinas contribui para alimentar o desejo de que parte de sua produção possa ser divulgada em revistas de periódicos ou em eventos científicos. O estímulo a programas institucionais para a graduação, como monitorias, o PIBID, o PIBIC, o PET, entre outros, fez com que muitos graduandos recebessem estímulos para continuarem as suas pesquisas na pós, enfocando não somente o ensino, mas, também, a pesquisa.

Na “pós-graduação de hoje”, a situação é bem diferente. Aconteceu uma ampliação massiva de cursos na pós-graduação em diversas modalidades, tanto nas instituições públicas como nas privadas, além do avanço na realização de eventos e simpósios organizados pelos grupos de pesquisa, que assumem um papel importante na difusão do conhecimento. O aumento de revistas de periódicos, aliado

a uma maior desconcentração dos programas de pós-graduação, fornece condições para o aumento das pesquisas na pós.

A intenção de exercitar essas duas realidades é a de mostrar, aos educandos que frequentaram as oficinas, que existem dificuldades históricas e recentes das instituições que podem facilitar ou dificultar a compreensão do que seja pesquisa e de como elaborar projetos.

#### **4 TERCEIRA ETAPA DA OFICINA: “PROJETO DE PESQUISA E SUAS ETAPAS EM DISCUSSÃO”**

Esta etapa consiste na discussão coletiva sobre as dúvidas encontradas nas etapas de elaboração de projetos de pesquisa, ressaltando que a estratégia elaborada foi a de partir pela discussão de uma estrutura preliminar (sumário). No entanto, essa discussão será evidenciada em um novo texto, de forma mais detalhada. Neste momento, cabe comentar, de forma breve, sobre as etapas de elaboração de um projeto de pesquisa.

a) Tema: O tema, quando era posto para discussão, remetia-se, inicialmente, às dúvidas em relação a “tema” e “título”. Nesse caso, a orientação era que tema é mais genérico e se traduz com base nos recortes espacial, temporal e temático que norteiam a pesquisa em curso. Já o título é a expressão direta do que se vai estudar na pesquisa, buscando sempre construir títulos que sejam atraentes e agradáveis, mas, também, inusitados e que deixem os leitores em “dúvidas”, ou seja, não precisa sempre construir um título em que se diz tudo;

b) Introdução: Nesse aspecto, a dúvida remetia-se à ideia de que, em alguns modelos de projetos de pesquisa, existe uma diversidade maior de exigências. Existem projetos que exigem os seguintes termos: “Delimitação do tema”, “Delimitação do objeto de estudo” e de “Caracterização do tema”. A ideia final é que deve seguir o que se pede na estrutura dos projetos, pois, como os modelos são oriundos de grupos de pesquisadores de formações diversas, a estrutura altera muito, tendo, assim, que seguir o que se solicita;

c) Justificativa: Quanto a esse aspecto, não houve tantas discussões ou divergências em relação ao que se apresenta nos modelos de projeto. A ideia-

síntese que prevaleceu foi a de que o importante seria indicar que a pesquisa é fundamental para a sociedade, para a disciplina de geografia e sua subárea, para a instituição e para o autor (motivação pessoal);

d) **Formulação do problema:** Esse aspecto é um dos que mais gera dificuldades e questionamentos de seus participantes, pois a ideia que prevalece e que chega com o grupo é a de que esse item do projeto se reduz à formulação de três ou quatro perguntas, consideradas norteadoras da pesquisa. No entanto, na Geografia, é comum que esse aspecto seja mais amplo, intercalando questões da pesquisa a uma breve narrativa, seguida de dados, tabelas, gráficos, entre outros. Assim, a problematização é um texto em que se insere um conjunto de dados com base nos contextos formadores que interferem, direta ou indiretamente, nas questões-problemas da pesquisa. Se a formulação do problema for apenas perguntas, ela se confunde e entra em conflito com os objetivos da pesquisa;

e) **Objetivos:** A maior dificuldade encontrada na elaboração de projetos de pesquisa refere-se à construção dos objetivos geral e específicos. A identificação maior é em relação ao fato de que, ao elaborarem os seus objetivos, não se “olha” para as outras etapas do projeto, a exemplo do referencial teórico e das técnicas. A orientação final após as inúmeras discussões é a de que, no âmbito da graduação e/ou da pós-graduação, deve-se escolher apenas um objetivo geral, que represente um estágio de análise, utilizando os verbos como: analisar, examinar, propor, entre outros. Nos objetivos específicos, são considerados os seguintes estágios: conhecimento, compreensão, aplicação e avaliação;

f) **Hipóteses:** Esse é um dos aspectos mais difíceis na discussão sobre a estrutura dos projetos, pois, geralmente, nas estruturas de projetos de várias instituições, prefere-se não incluir esse tópico na estrutura. É comum, também, confundir a hipótese com a problematização, quando elaboram duas ou três perguntas, sendo que, na concepção da hipótese, o sentido deve ser de uma afirmativa ou de uma “falsa resposta” capaz de resolver ao problema que se quer investigar;

g) **Fundamentação teórica:** As exigências contidas nesta parte da estrutura de projeto geram diversas dúvidas, pois, em algumas instituições, usa-se o termo

“revisão bibliográfica”. Às vezes, “revisão conceitual” e, em outras, usa-se “referencial teórico”. No geral, após as discussões do grupo, evidenciou-se, de forma resumida, que revisão bibliográfica é uma junção das principais obras a serem desenvolvidas na pesquisa. A revisão conceitual exige, além da junção de obras, a identificação dos principais conceitos-chave a serem discutidos na pesquisa. No referencial teórico, a discussão deve seguir uma perspectiva mais analítica, indicando autores, conceitos e, ainda, direcionando o método a ser trabalho a partir de uma “filiação teórica”;

h) Metodologia: A primeira questão posta é que, na maioria dos projetos de pesquisa, a metodologia se resume apenas à definição das técnicas (questionários, entrevistas, revisão bibliográfica), negando a discussão sobre o método. Assim, ao final da reflexão, entende-se a metodologia de um projeto como uma integração entre os métodos (ciência, pesquisa, filiação teórica, conceitos) e as técnicas necessárias para conseguir cumprir as intenções dos objetivos específicos;

i) Referências: Aqui, o que é mais comum é inserir como “referências bibliográficas” ou “bibliografia”. Assim, sugere-se que se inclua, como referências, o que, de fato, foi citado no decorrer do projeto. No entanto, é preciso ficar atento que ainda existem inúmeros processos seletivos, principalmente de pós-graduação, que consideram a expressão “referências bibliográficas”.

Como resultado, observou-se que existe uma enorme diversidade de apreensões sobre as etapas da elaboração do projeto, evidenciando-se, ao final, o uso de construção das etapas que são fragmentados, sobrepostos e desarticulados, acarretando, assim, projetos de pesquisa pouco articulados. Diante dessa constatação, utilizou-se uma estratégia de trabalho que buscava, a partir de um sumário preliminar, demonstrar, no quadro ou na folha, todas as etapas de forma integrada, atestando-se de como os resultados dos projetos foram construídos em uma perspectiva integradora e mais sólida em relação aos passos metodológicos. A intenção de expor as estratégias metodológicas adotadas nessa experiência é de poder receber novas contribuições e críticas na busca do aperfeiçoamento da proposta integradora de elaboração do projeto de pesquisa.

Após a realização de oficinas, buscou-se adensar as dúvidas e as percepções lançadas pelos educandos em relação às diversas etapas de elaboração da pesquisa. Assim, a abordagem integradora de elaboração de um projeto de pesquisa passa pela capacidade de interação e de possibilitar um diálogo amplo e diverso. Segundo Hissa (2006, p. 310), a “[...] ciência de hoje exige, também, uma capacidade ampliada de integração de saberes, muito mais criatividade que no passado, muito mais liberdade de trânsitos interdisciplinares e produção de conhecimentos holísticos [...]”.

Após a discussão da estrutura de projeto, solicitav-se que os participantes, de forma voluntária, fizessem a exposição de seus projetos em andamento ou concluídos, como forma de que todos pudessem ver e discutir as dificuldades enfrentadas na elaboração de um projeto. Assim, encerravam-se as discussões com um aumento da autoestima, identificando-se que qualquer participante, em qualquer estágio de sua formação (graduação ou pós) enfrenta os mesmos desafios metodológicos.

## **5 INDICAÇÕES FINAIS DA EXPERIÊNCIA**

O exercício de praticar, de forma coletiva, a elaboração de projeto de pesquisa remete à necessidade de que a pesquisa acadêmica deva ser feita de forma a integrar os conhecimentos, fazendo com que haja sempre o sentido de (re)aprender a conviver em grupo, pois só compartilhando se chega mais longe.

É preciso reacender a solidariedade acadêmica como forma de possibilitar um amplo diálogo entre a Universidade e a Sociedade, bem como, fornecer as bases de um comportamento que se busque o respeito e a autonomia do pensamento. Só assim, será possível promover, mesmo que de forma lenta, a construção da liberdade individual como pesquisador e a satisfação de poder fazer Universidade com alegria, na esperança da construção de novas relações nos atos de ensinar e de aprender.

É necessário renovar alguns princípios que estão “congelados” na sociedade atual, tais como: saber ouvir, saber se doar; saber ser solidário; saber compartilhar; saber romper preconceitos e sempre saber buscar a equidade. Só assim se faz um



projeto de pesquisa com qualidade e com capacidade de diálogo. Construir o seu projeto de pesquisa de forma compartilhada é dar um passo a mais na produção do conhecimento que vai além da forma e avança no conteúdo.

## **Referências**

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

ESCOLAR, M. **Crítica do discurso geográfico**. São Paulo: Hucitec, 1996.

GONÇALVES, H. A. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.

HISSA, C. E. V. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica e a construção do conhecimento**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2001.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SENRA, N. C. **O cotidiano da pesquisa**. São Paulo: Ática, 2003.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Unesp, 2004.

TEODORO, A.; VASCONCELOS, M. L. (Org.). **Ensinar e apreender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária**. São Paulo: Mackenzie; Cortez, 2003.